

## ATIVADORES DE MEMÓRIA E HISTÓRIA INDÍGENA: PRÁTICA INTERCULTURAL DE CONHECIMENTO HISTÓRICO A PARTIR DA ANÁLISE DO RELATÓRIO FIGUEIREDO

Diana Sales Ferreira <sup>1</sup>, Dra. Cristiane de Assis Portela <sup>2</sup>

1. Estudante do Departamento de História da Universidade de Brasília (UnB)
2. Docente do Departamento de História da Universidade de Brasília (UnB),  
Orientadora

### Resumo

Este trabalho tem como objetivo apresentar uma nova perspectiva acerca do uso de fontes documentais em contextos comunitários tradicionais, a partir da produção de relatos orais com o uso de fotografias como ativadoras de memória. A pesquisa foi realizada a partir da interlocução com o povo indígena Tapeba, que vive em Caucaia, na zona metropolitana de Fortaleza, comunidade a qual pertence a estudante que é pesquisadora neste projeto. Conceitualmente, entendemos que a memória individual é a habilidade de guardar na mente as vivências adquiridas pelos seres humanos ao longo de suas vidas, enquanto a memória coletiva traz consigo mais do que isso: símbolos, histórias, narrações e imagens que participam da construção identitária de uma comunidade ou de um povo. É a memória coletiva que buscamos tematizar nesta proposta. Metodologicamente, o trabalho foi elaborado após uma leitura panorâmica e depois, pormenorizada, de uma fonte documental produzida no ano de 1967: o Relatório Figueiredo. Na segunda etapa observamos com destaque as fotografias que compõem esta fonte documental, utilizando-as como ativadoras das memórias históricas de povos indígenas, durante entrevistas exploratórias realizadas na Comunidade Tapeba de Caucaia. A partir da experiência, observamos que a fotografia, quando utilizada como fonte histórica acionada no momento de realização das entrevistas de pesquisa, se torna um instrumento profícuo para historiadores, relacionando o presente com as lembranças do passado.

**Palavras-chave:** Pesquisa Histórica; Relatos Oraís; Fontes documentais.

**Apoio financeiro:** Bolsa de Iniciação Científica pelo Cota Institucional da Universidade de Brasília- UnB

**Trabalho selecionado para a JNIC pela UnB**

### Introdução

Este trabalho é resultado do Projeto de Iniciação Científica *Por outras epistemologias: representações da história indígena em fontes documentais associadas ao Relatório Figueiredo (1967)*, coordenado pela Prof. Cristiane Portela. As discussões realizadas, possibilitaram reflexões sobre como os povos indígenas estão representados nos documentos e na historiografia brasileira, ao buscarmos compreender quais foram as motivações contidas naquela investigação ocorrida no ano de 1967 e que resultou no Relatório Figueiredo, documento histórico que repercutiu amplamente após a localização e divulgação no contexto da Comissão Nacional da Verdade. Interessou-nos pensar como essa fonte documental repercutiu entre povos indígenas, e como estas comunidades lêem as representações construídas sobre as violações aos direitos humanos de indígenas em um documento como este.

O Relatório Figueiredo é uma fonte extensa (30 volumes com mais de 7 mil páginas), fragmentada e complexa, mas muito importante historicamente. O documento é o resultado das conclusões das investigações pertencentes ao Ministério do Interior que acarretaram no desmonte do Serviço de Proteção ao Índio (SPI) e no surgimento da Fundação Nacional do Índio (FUNAI), após a sua divulgação junto à imprensa nacional e internacional no ano de 1968. Quando “traduzida” pelo olhar de historiadores para um acesso amplo aos povos indígenas, ela pode trazer à tona memórias coletivas que pareciam adormecidas, em especial aquelas que se referem a temas sensíveis, como as violências cometidas pelo Estado ou com a conivência dele. Também permite questionar as representações e os estereótipos que ainda persistem no imaginário sobre indígenas, além de indicar outros caminhos metodológicos, com destaque, no caso de nossa pesquisa, para o uso da fotografia como ativadora de memórias na interlocução com as comunidades. Por fim, como primeira estudante indígena Tapeba de História em minha comunidade, pudemos trazer o debate sobre como os/as historiadores(as) produzem conhecimentos, ao mesmo tempo que provocamos um diálogo intercultural na universidade, tematizando as raízes profundas da própria história dos povos indígenas do Brasil.

Ao mapear os volumes do Relatório Figueiredo e fazermos uma análise detida do Relatório Síntese, escolhemos enfatizar uma parte desse extenso documento: o volume IV. Utilizamos um estrato desta fonte para motivar diálogos com o povo Tapeba. Deste modo, as fotografias apresentadas no documento se tornaram mote e ganharam centralidade na pesquisa, possibilitando experimentar o uso de fontes histórico-imagéticas como ativadoras de memória durante a realização de entrevistas orais de cunho exploratório, o que nos permitiu reconhecer o potencial dessa estratégia metodológica para a pesquisa histórica em contextos comunitários tradicionais.

### Metodologia

A pesquisa originalmente concebida para este projeto de pesquisa, teve que ser redimensionada em

decorrência da pandemia de covid-19, já que a equipe composta inicialmente por quatro estudantes indígenas, propunha indicar possibilidades de produção de narrativas históricas, por estas estudantes que já fizeram diferença na história de suas comunidades, ao ingressar na universidade. Infelizmente, o acesso à internet para as três colegas Tikuna, tornou-se inviável com o retorno às comunidades e colocou em risco até mesmo a permanência delas na UnB. Fazemos este registro para evidenciar a nossa solidariedade e denunciar o desafio ainda maior para a permanência de estudantes indígenas na universidade, imposto pelo contexto de pandemia e ainda mais agravado pelos cortes de investimentos pelo governo federal à educação. Em especial, as estudantes mulheres enfrentaram muitas dificuldades, responsabilizadas por cuidados domésticos junto aos parentes e, em alguns casos, vulnerabilizadas pela condição de maternidade, que impede que se priorize a formação acadêmica.

Apesar de todo esse cenário de atropelamento de nossos propósitos iniciais, uma questão de ordem metodológica e epistemológica permaneceu mobilizando as nossas reflexões na pesquisa: Quais são as possibilidades de construir outras narrativas, quando se apresenta para uma historiadora indígena em formação, fontes documentais produzidas por não indígenas? Ao fazer a análise do Volume IV do Relatório Figueiredo, que é uma parte do documento composta basicamente por fotografias com legendas muito curtas e pouco elucidativas, imaginamos a possibilidade de utilização destas como recurso para a produção de entrevistas com o povo Tapeba. As conversas mediadas pelas fotografias foram feitas com uma parcela restrita de parentes, aqueles que já estavam próximos, atentas à prevenção dos desdobramentos da pandemia que matou muitas pessoas, incluindo os povos originários, que são ainda mais vulneráveis às patologias. Deste modo, as fotografias apresentadas no Relatório Figueiredo se tornaram mote e ganharam centralidade na pesquisa, possibilitando experimentar o uso desses registros como ativadores de memória. A escolha se fez pela potencialidade de abertura ao diálogo que percebemos haver a partir do compartilhamento de fotos junto à comunidade. Assim, concordamos com Moreira Leite, quando ela diz que "a atração pela imagem é imediata e a sua comunicação através de desdobramentos, na memória do observador, de imagens semelhantes ou associadas estabelecem um vínculo que a mensagem mediadas pelas palavras ou pelo códigos escritos estabelecem mais demoradamente". (1993, p. 132)

As fotos, lidas como fragmentos de representações não-indígenas sobre os territórios indígenas, mas também como referências de memórias partilhadas entre povos, se tornaram para nós um instrumento de ativação de memórias, e se mostraram grande importância em vários aspectos, apesar dos limites impostos a esta pesquisa de iniciação científica. Acreditamos que o uso de fontes documentais oficiais, deve ser pensado sempre pela sua possibilidade de fazer leituras históricas à contrapelo, como nos indica Walter Benjamin, e foi assim que experimentamos primeiro a possibilidade de utilizar outros documentos textuais, já que a utilização de fotografias não estava definida a priori.

## Resultados e Discussão

História é a ciência de recordar o tempo passado e colocá-lo no presente, compreendemos seres humanos como sujeitos ativos da história. Relatar e questionar criteriosamente como uma população vivia em seus aspectos políticos, econômicos, sociais e culturais é um trabalho que requer esforço, dedicação e pesquisa. Concordamos que fazer história vai além das fontes escritas, mas consideramos que elas também são primordiais, e que é importante que possamos utilizá-las de forma conciliada com fontes orais ao tratar a história indígena, por duas razões: a) para não reforçar a noção de que a produção de narrativas sobre a história indígena tem como única fonte os relatos orais, o que acaba se tornando um estereótipo e sendo restritivo para a pesquisa histórica; e b) para experimentarmos a possibilidade de deslocamentos epistêmicos dos próprios povos indígenas, apostando que, ao conhecerem e se apropriarem criticamente das fontes históricas produzidas por não indígenas, podemos agenciar as nossas próprias formas de contar histórias (ver Vansina, 2010).

Concordamos também que as fontes orais estão presentes nas comunidades tradicionais indígenas e quilombolas e que esta forma de produzir e difundir conhecimentos permeiam entre as gerações, tendo uma importância central no modo de pensar a história por parte de povos oriundos de contextos comunitários (ver Graúna, 2002). Considerando as possibilidades metodológicas de associar o uso de diferentes tipos documentais com as memórias coletivas de povos indígenas, este trabalho assumiu o propósito de estimular lembranças individuais em relatos orais da comunidade indígena Tapeba, ativando memórias coletivas a respeito do período pesquisado.

Um dos exercícios que fizemos, na etapa de mapeamento dos volumes do Relatório Figueiredo foi, por exemplo, analisar um documento constante no Vol. IV, se trata de um "documento de juntada", complementar ao texto do relator Jáder de Figueiredo, em que consta que no dia 21 de setembro de 1967. Atendendo a ordem do Presidente da Comissão, deveriam ser anexados aos documentos do inquérito, a partir do depoimento do Capitão Manuel dos Santos Pinheiro, cópias a respeito de um programa de assistência aos povos indígenas Maxakali, "contendo várias fotografias que mostram as atividades do programa". Nos chamou a atenção a observação de que entre os documentos a serem anexados, deveriam ser incorporadas fotografias. Os relatos associados a esta denúncia mostram um reflexo do abandono das políticas públicas e faz referência a "assaltos praticados pelos próprios indígenas em decorrência da fome e da miséria". A isso, se

acrescenta a observação de que muitos não tinham condições de trabalhar devido a saúde fragilizada, ou pela falta de ferramentas, pela ausência de sementes para o plantio, mas, sobretudo, pelo esbulho de suas terras. Neste caso, não receberam nenhuma ajuda do SPI, mas expulsaram os fazendeiros corruptos e suas boiadas do território. Segundo o capitão depoente, teria sido um grande esquema de desvio de dinheiro que seria para ajudar os indígenas. A polícia rural obteve a constituição de "comandos sanitários", que consistiam em reunir médicos, enfermeiras, dentistas, barbeiros e uma unidade móvel equipada como laboratório. Ele conta que as atividades realizadas, distribuíam desde leite para as crianças e gestantes, medicamentos para os acometidos por doenças, mas também, empréstimos de tratores para obras de açudes, por exemplo. Abaixo apresentamos dois exemplos que permitem compreender como as fotografias estão dispostas neste volume do Relatório Figueiredo. Sob os títulos Miséria e Açude (Imagem 1 e Imagem 2), as fotografias apenas ao relatório, mostram o estado de pobreza da população e aspectos da assistência social e da realização do policiamento rural em benefício da comunidade indígena. Foi esse o primeiro conjunto de imagens que utilizamos como ativadores de memórias coletivas entre os Tapebas.



**Imagem 1.** Título: *Miséria*. Relatório Figueiredo, volume IV, p.217,1967.



**Imagem 2.** Título: *Açude*. Relatório Figueiredo, volume IV, p.220, 1967.

As fotografias, utilizadas para fazer recordar histórias vividas entre os Tapebas da Lagoa II, ao serem apresentadas a cada interlocutor(a), de imediato geraram uma reação muito positiva para a produção dos relatos orais. A Imagem 1, sob o título Miséria, estimulou a lembrança de memórias antigas relacionadas à precariedade da saúde, destacando que, apesar de ser um direito de todo cidadão, os parentes percebem a desatenção à saúde como uma permanência histórica entre os Tapebas. Já em reação à Imagem 2, Açude, as pessoas se alegram ao lembrar com entusiasmo sobre a importância que a água tem na comunidade, demonstrando ser este um tema que envolve a luta, mas sobretudo, remete à grandiosidade de sua fauna e flora, sendo uma maneira de falar sobre a identidade do território. Os relatos enfatizaram as lembranças de uma vida bem simples, sem grandes tecnologias como televisão, rádio, e em que o jornal (talvez referente mais próximo de uma fonte documental escrita reconhecida por eles) foi referido como um artigo de luxo na época.

Tomar conhecimento de algumas informações que os mais jovens como eu, não tinham sobre esses tempos antigos, ou entender a semelhança das fotos de outras comunidades com os relatos obtidos junto ao povo Tapeba, foi para nós um dado muito importante para a pesquisa, já que demonstrou o potencial que há nessa estratégia para ativar memória e para identificar outras formas de produzir conhecimentos. Com o andamento da pesquisa, observamos que existe um desconhecimento quase absoluto sobre o documento entre as pessoas da comunidade, o que nos informa sobre a necessidade de divulgação e popularização de fontes que envolvem a nossa própria história entre os sujeitos ali referidos, seja direta ou indiretamente. Até mesmo o termo "ditadura militar" é uma expressão desconhecida entre os parentes que conversei, em especial, entre os de mais idade. Então seria difícil termos respostas concretas a respeito do tema, ao perguntarmos pelo "tempo da ditadura", que para muitos soava estranho, a ponto de brincarem perguntando se nos referíamos a "dentadura", como reagiu o meu avô José Martins. Por outro lado, ao mostrar a fotografia referente ao trabalho, a identificação foi tamanha que ele ficou surpreendido por ter a certeza de que era uma fotografia dele quando mais jovem.

As entrevistas possibilitam um leque de sensações e novos conhecimentos a respeito da comunidade, relembando cada momento com carinho e dor no coração. Algumas falas foram bem impactantes, ao recordar a miséria da época. A foto da criança com doenças, possivelmente decorrentes de verminoses, desencadeou nas lembranças as memórias de escassez de uma alimentação saudável: "*que na época era para pouco, o pão de cada dia era um cumbuca de farinha de mandioca com café*" (relatos de José Martins Ferreira). Entre as mulheres, algumas mães relatam o que consideram como uma das piores fases de suas vidas, que é perder um filho ou uma filha, devido à desnutrição ou por precariedade na hora do parto. Por outro lado, um outro

aspecto interessante da pesquisa foi como despertou o interesse da comunidade em recuperar fotos antigas em seus acervos pessoais. Uma dessas fotos é a que apresentamos na Imagem 3; tem como plano de fundo uma vegetação local na época de seca, e destaca o elo de mãe e filha ao tirar um retrato de família, sendo uma foto posada. Ao ser apresentada, ouvimos sobre a simplicidade do local e das vestimentas, mas ela foi escolhida por minha avó em contraposição à Imagem 1. Miséria, ressaltando que a minha tia sobreviveu às dificuldades da época. As fotos de acervo pessoal apresentam aspectos da paisagem local, que foram



transformados e isso gera uma conversa muito saudosista e emotiva. Outras vezes, as fotos figuram como um contraponto àquelas imagens dolorosas que apresentamos, sendo apresentadas como uma forma de superação. Um desses exemplos de fotos que remetem à vitória é em relação a um membro da minha família, que nasceu de sete meses (a garotinha de vestido azul na Imagem 2), que teve grandes complicações na hora da parto, e que depois se encontrava abaixo do peso devido a má alimentação da época. As mulheres contam com orgulho que, mesmo com as dificuldades, atualmente aquela menina é uma mulher que transborda saúde com a sua família. Diante desse tema, avaliam como muito positivo que, atualmente, a comunidade tenha acesso à saúde e alimentação de qualidade, recebe apoio psicológico, "cuida dos dentes", recebem visitas dos agentes de saúde da própria localidade para dar o suporte para uso de remédios e vacinação.

**Imagem 3.** Mãe e Filha. Maria de Fátima (avó) e Gardenia Sales (tia). Fonte: Acervo pessoal, registro da década de 1980.

### Conclusões

Com o uso da fotografia foi possível despertar outros fragmentos da memória da comunidade Tapeba, sendo também um momento de troca entre os nossos conhecimentos, já que estes não tinham conhecimento sobre o relatório e hoje sabem a respeito e a importância dele na história indígena. Usando outra metodologia, a partir de imagens associadas às narrativas orais, construímos juntos, um outro olhar sobre a história, trazendo à tona memórias que eram desconhecidas para a maioria dos mais jovens Tapeba. Como Borges (1999) bem colocou, a imagem tem o potencial de despertar novas concepções históricas e formular narrativas sobre o mesmo assunto ou temas correlatos, que talvez não tivessem vindo à tona por outro meio.

As discussões realizadas acerca da história indígena e do Relatório Figueiredo como fonte, possibilitaram reflexões sobre como os povos indígenas estão representados nos documentos e quais foram as motivações contidas naquela investigação do ano de 1967. Pudemos observar inúmeras irregularidades, torturas, articulações administrativa etc, sendo que muitas pessoas pensam que o documento em si tem o próprio de preencher a lacuna historiográfica da época, podemos notar que o povos originários ainda não se encontram como protagonistas, por não terem acesso a relatos daquilo que a população viveu naquele período. Acreditamos na possibilidade de desatar os nós do desconhecimento da própria história, como um movimento próprio dos sujeitos indígenas. Sabemos que existe uma dívida com os povos originários, já que estes muitas vezes foram silenciados, tornados subalternos dentro da história, colocados como submissos e incapazes de fazer frente às formas de torturas e escravidão, por uma ideologia elitista que ainda vê os povos originários a partir de estereótipos como "selvagem" ou inferiores.

Sabemos que a história não se resume a fontes escritas e oficiais, mas identificamos na pesquisa que a repercussão destas fontes pode ser muito relevante quando se torna mote para estimular as lembranças dos povos indígenas, acionando memórias coletivas que dialoguem com esses registros oficiais. Durante muito tempo, a história indígena foi contada por outras pessoas, assim, o presente trabalho proporcionou uma troca de conhecimentos a respeito de um período da história do Brasil, a ditadura militar, a partir das memórias dos próprios povos. O diálogo intercultural na equipe de pesquisa gerou como produto um livreto ilustrado (realizado em sessões de confraria de escrita), que permitiu pensar outras narrativas históricas possíveis a partir de uma escrita colaborativa. Por fim, como primeira estudante indígena Tapeba de História, possibilitou trazer para a minha própria comunidade o debate sobre como os/as historiadores(as) produzem conhecimentos, ao mesmo tempo que provocamos um diálogo intercultural na universidade, tematizando as raízes profundas da própria história dos povos indígenas do Brasil.

### Referência bibliográfica

BORGES, Paulo H.P. "Uma visão indígena da história" in *Cadernos Cedes*, ano XIX, nº 49, Dezembro/99.  
 GRAÚNA, Graça. *Literatura indígena no Brasil contemporâneo e outras questões em aberto*, 2012, p. 275.  
 MOREIRA LEITE, Miriam Lefchitz, *Retratos de Família- Leitura da fotografia histórica*. São Paulo: EDUSP-FAPESP, 1993.  
 VANSINA, J. "A Tradição Oral e sua metodologia", *História Geral da África. Volume I – Metodologia e Pré-História*. (Brasília: UNESCO, [1981] 2010), 139-166.

### Fonte Documental:

Relatório Figueiredo. 30 Volumes. Disponível em: [http://janetecapiberibe.com.br/relatorio\\_figueiredo/](http://janetecapiberibe.com.br/relatorio_figueiredo/)